

# OLIGARQUIAS RURAIS DO SERTÃO NORDESTINO: ESTUDO DE CASO EM UM MUNICÍPIO DE PEQUENO PORTE DO SEMIÁRIDO CEARENSE

José Raulino Chaves Pessoa Júnior<sup>1</sup>

Resumo: O artigo analisa a trajetória de elites políticas de um município de pequeno porte no Ceará chamado Catarina. A localidade está situada no semiárido cearense, em uma região conhecida como Sertão dos Inhamuns, caracterizada pelo domínio de feição tradicional em que famílias vem monopolizando o poder local ao longo de décadas. A pesquisa busca responder que base de sustentação possibilitou a manutenção do poder político pelo líder local, Frutuoso Rodrigues Neto, durante quase cinquenta anos. O horizonte temporal da pesquisa abarcou seis décadas; percorrendo desde o processo de emancipação política do município, ocorrido em 1950, até a eleição municipal de 2012, ano em que o chefe político local perdeu a eleição. Para a execução desse estudo, foram realizadas entrevistas formais e informais com atores políticos qualificados, pesquisas em jornais e redes sociais, coletas de dados eleitorais e socioeconômico do município, além de pesquisa bibliográfica. A investigação revela que a incorporação de atores políticos emergentes por meio de cooptação; o estabelecimento de alianças com o governo estadual; e a manutenção de relações clientelistas com a população foram os principais meios de manutenção de poder.

Palavras-chave: Elite política. Oligarquia. Poder local. Política Cearense.

## RURAL OLIGARCHIES IN BRAZILIAN NORTHEAST'S "SERTÃO": A CASE STUDY IN A SMALL TOWN FROM SEMI-ARID REGION IN CEARÁ

**Abstract:** The article analyzes the trajectory of the political elites of a small municipality in Ceará called Catarina. The town is located in Ceará's semi-arid in a region known as "Sertão dos Inhamuns", which is characterized by a traditional form of rule in which families have been monopolizing local power for decades. The research seeks to answer what was the base of support that made possible the maintenance of political power by the local leader Frutuoso Rodrigues Neto for fifty years. The time frame of the research covered six decades, from the town's process of political emancipation, which took place in 1950, to the 2012 municipal election, when the local political leader lost the election. For this study, I have conducted formal and informal interviews with qualified political actors, research in newspapers and social networks, collection of electoral and socioeconomic data of the municipality, and bibliographic research. The research reveals that the incorporation of emerging political actors through co-optation, the establishment of alliances with the state government, and the maintenance of clientelistic relationships with the population were the main means of perpetuating power.

**Keywords:** Political Elites. Oligarchy. Local power. Politics in Ceará (Brazil).

#### Introdução<sup>2</sup>

Visitando a prefeitura do município de Catarina, interior do Ceará, encontramos quadros com as fotos de todos os prefeitos ao longo de sua história política. Neles, observa-se que o sobrenome

<sup>1</sup> Doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: 0000-0002-6775-331X. E-mail: raulino\_chaves@yahoo.com.br.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Algumas das informações e argumentos expostos nesse artigo fazem parte de uma pesquisa de conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará em 2008 intitulada "Poder e família: recrutamento e trajetória das elites políticas de Catarina-CE".



Rodrigues se repete no título de muitas fotografias. Percorrendo a cidade, vemos que construções públicas carregam o sobrenome Rodrigues, como o ginásio esportivo Rodrigão e a principal escola municipal Francisco Rodrigues Pereira. Percebe-se ainda que a principal estrada de acesso ao município, CE-277, é nomeada de Rodovia Frutuoso Rodrigues, referendando o peso político e simbólico do sobrenome Rodrigues no poder local.

O cenário descrito no parágrafo anterior retrata um local marcado pelo domínio de um grupo familiar durante um longo período, caracterizando uma elite política de caráter oligárquico<sup>3</sup>. Nesse tipo gestão da administração pública, a família que exerce o poder local deixa sua marca no município, nomeando com seu sobrenome escolas, hospitais, ginásios, ruas e estradas. Aparentemente, deseja-se declarar que a cidade tem um "dono".

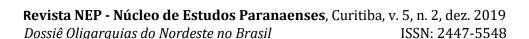
Esse artigo busca problematizar o tipo de domínio político exercido no poder local em Catarina. Para isso, faz uma reflexão sobre a história política do município, que é composto por 18.745 pessoas segundo o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A localidade está distante 392 quilômetros da capital do estado, integrando o Sertão dos Inhamuns. A economia local, mantida pela agricultura e pecuária de subsistência, vem sendo castigada por períodos de secas constantes, encontrando-se o município sujeito à desertificação segundo relatório do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), apontado por Carvalho *et al.* (2009).

A história política de Catarina foi marcada pelo domínio de um chefe local que assumiu direta ou indiretamente o Executivo durante cinco décadas, de 1960 a 2010. Frutuoso Rodrigues Neto iniciou sua trajetória política como vice-prefeito nas eleições de 1966 e permaneceu no comando da política local até as eleições de 2012, quando ocorreu um rompimento do seu grupo político e este não elegeu o sucessor. No imaginário coletivo da cidade, o domínio político exercido por Frutuoso Rodrigues Neto era percebido como permanente e natural, como se pairasse sobre o tempo, sendo "ahistórico".

Partindo do pressuposto de que o poder político não é natural ou mágico, mas construído socialmente ao longo do tempo, o presente estudo busca investigar como o domínio político de Frutuoso Rodrigues Neto surgiu e se consolidou no comando da máquina pública municipal. Pretende-se analisar como esse chefe político conseguiu se perpetuar no poder em cenários políticos

\_

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Emprega-se o conceito de elite política como este é definido pela teoria das elites, sendo sinônimo aos conceitos de "classe política" utilizado por Gaetano Mosca e "elite dirigente" por Vilfredo Pareto. Elite política é entendida como um grupo organizado que ocupa o poder institucional e exerce influência na sociedade por possuir qualidades que são valorizadas socialmente. Compreende-se que uma elite pode apresentar um caráter mais oligárquico ou mais democrático. No estudo de caso abordado, a elite política, liderada pelo chefe político Frutuoso Rodrigues Pereira, tem um perfil oligárquico, como será argumentado a seguir.





tão díspares e adversos. Durante a implantação da ditadura militar na década de 1960 e 1970 no país, Frutuoso Rodrigues Neto colocou-se à disposição da ideologia técnico-militar dos militares e do projeto de desmonte da aparelhagem de poder estabelecida pelos políticos tradicionais. Décadas depois, no período conhecido como "Governo das Mudanças" no Ceará em 1990, pôs-se à serviço da implantação de uma visão empresarial e racionalizada da gestão pública em oposição aos laços clientelistas e oligárquicos que caracterizavam a política estadual de então.

A categoria "chefe político" faz referência ao predomínio de um poder tradicional. Para Queiroz (1976), o chefe político não ocupa necessariamente postos ou cargos no governo, seu poder provém do monopólio político em um domínio geográfico (distritos, municípios, regiões ou o Estado) em que possui controle dos votos.

Nas pesquisas empíricas sobre as elites no Ceará, surgem novos elementos para analisarmos a classe política cearense e repensarmos a diversidade de formas de ascensão política e de reprodução do poder, tanto no âmbito estadual quanto no âmbito local. Nas investigações realizadas por Abu-El-Haj em municípios cearenses como Itapiúna, no Sertão Central, e Icapuí, no Litoral Leste, foram apontadas transformações nos grupos das elites dirigentes do poder local. Em Itapiúna ocorreram duas mudanças políticas. A primeira, entre as décadas de 1960 e 1970, foi engendrada pelo esgotamento das grandes propriedades rurais, com o consequente enfraquecimento das elites tradicionais. O poder local passa então a ser controlado por uma classe média com características urbanas, como médicos e advogados. A segunda, na década de 1990, caracterizou-se pela derrota dessas classes médias e o aparecimento de elites com inclinação modernizante e empresarial (ABU-EL-HAJ, 2003).

Em Icapuí, assinalam-se também duas transformações no cenário municipal. A primeira, com o esgotamento das elites tradicionais, o que ocasionou a emancipação do município ocorrida em 1982, e o surgimento e consolidação do Partido dos Trabalhadores (PT). A segunda, nas eleições de 2004, com o retorno das elites tradicionais metamorfoseadas com um discurso de "empreendedorismo" (ABU-EL-HAJ, 2006).

A ascensão política dessa nova elite de classe média apresentou dinâmica própria em cada região e município. Por isso, pesquisas sobre genealogias políticas em cada município são importantes para que se possa compreender de maneira ampla como ocorreu e ocorre a ascensão de novos atores políticos nesses municípios e de que forma mudanças na classe política no âmbito estadual afeta as lideranças locais<sup>4</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Para mais informações sobre pesquisas em municípios no Ceará consultar o trabalho de Monalisa Torres (2018).



Para a coleta dos dados aqui expostos, foi realizado uma pesquisa de campo na qual entrevistou-se informantes qualificados. Nessas entrevistas, foram priorizadas informações que possibilitassem compor os seguintes elementos sobre as elites políticas: origem social; caminhos de hegemonia política; formas e canais de recrutamento; formas de ascensão social e, por fim, relações estabelecidas nesse grupo, tais como apadrinhamento, relações familiares etc. Dados foram levantados junto ao Tribunal Regional Eleitoral do Ceará (TRE-CE) para caracterizar a disputa local. Para traçar o perfil socioeconômico da região, foram feitas pesquisas nos sítios do IBGE e do IPECE. Além disso, jornais estaduais, como O Povo e Diário do Nordeste, foram úteis para coletar informações sobre o município. Realizou-se também o monitoramento em redes sociais, especificamente *Facebook*, para acompanhar a disputa política de 2012. O horizonte temporal da pesquisa abarcou seis décadas, de 1950 a 2012, percorrendo desde o processo de emancipação política de Catarina até as eleições em que Frutuoso Rodrigues Neto não conseguiu eleger um sucessor.

A realização desse estudo enfrentou dificuldades, tanto em função da escassez de documentação quanto ao fato de o pesquisador pertencer à comunidade pesquisada e fazer parte de uma família envolvida na disputa pelo poder local. Gilberto Velho (1999), em texto metodológico sobre pesquisa de campo, aponta vantagens e desvantagens no estudo de uma realidade que já é familiar ao pesquisador. O ponto positivo é que o observador tem acesso a mais informações, tendo mais vivência para compreender aspectos de uma sociedade que não são perceptíveis em um primeiro contato e que necessitam de um trabalho mais detalhado. Além disso, estudando o que lhe é próximo, o pesquisador tem o privilégio de poder confrontar suas conclusões com as percepções das pessoas que fazem parte do universo investigado, trazendo contribuições importantes.

O aspecto negativo deve-se ao fato dos cenários e posições sociais já estarem introjetadas. O pesquisador corre o risco de reproduzir julgamentos apressados e preconceituosos pela rotina e estereótipos já habituais. Isso torna o distanciamento mais difícil, pois tudo parece ser ordenado e natural. Gilberto Velho (1999) conclui seu raciocínio afirmando que mesmo em função dessas dificuldades é possível a um pesquisador transcender os julgamentos do que é familiar e tornar exequível um conhecimento mais crítico. Como observa: "o processo de estranhar o familiar tornase possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações" (VELHO, 1999, p. 131). Nessa pesquisa acreditamos que os aspectos positivos, advindos da vantagem de pertencer ao lugar pesquisado, superaram os aspectos negativos.



A exposição do texto está dividida em quatro seções, além desta introdução. Na primeira, será apresentada a formação política da região dos Sertões dos Inhamuns e a conformação de um poder tradicional marcado pelo domínio de famílias. Em seguida, abordaremos especificamente o objeto de estudo do artigo que é a trajetória política da liderança local e sua manutenção no poder. A segunda seção examina a construção e consolidação do poder da família Rodrigues no município e a liderança personalista centrada no patriarca Frutuoso Rodrigues Neto. Na terceira, a derrocada do poder político dessa liderança será abordada. Por fim, encerramos o artigo pautando as razões para a permanência desse domínio por um longo período e defendendo a relevância de tal tipo de pesquisa sobre elites políticas locais.

#### Oligarquias nordestinas e a especificidade dos Inhamuns

Oligarquia, em sentido etimológico, significa "governo de poucos", remetendo à ideia de poder centralizado em poucos grupos ou pessoas. Esso conceito, segundo Bobbio (1998), adquiriu sentido diversificado ao longo do pensamento político. Inicialmente, apresentou valor axiológico negativo na classificação aristotélica sobre formas de governo, significando um governo viciado e corrompido em oposição a aristocracia. Depois, com o desenvolvimento da teoria das elites o conceito foi marcado por um valor neutro, refletindo a natureza de qualquer governo que inevitavelmente concentra o poder em poucas pessoas. Nessa teoria, os conceitos de oligarquia e de elite seriam semelhantes. Por fim, com a emergência da teoria do desenvolvimento, o conceito retoma sua carga axiológica negativa, agora colocando-se em oposição ao conceito de democracia. O caráter oligárquico seria marcante nos governos de países do Terceiro Mundo que ainda não atingiram o desenvolvimento democrático.

O conceito de oligarquia atrelado à noção de autoritarismo e oposto ao entendimento de democracia foi mobilizado para explicar a realidade política no Brasil. Partia-se da ideia de que em determinadas regiões do país predominava uma elite política de caráter oligárquico e ligada a setores poucos produtivos da economia, o que impedia o desenvolvimento econômico e político da nação. Autores passaram a escrever sobre o caráter oligárquico das elites nordestinas que se mantinham hegemônicas no poder durante anos através da perpetuação do quadro de miséria da população. Antônio Callado (1960), por exemplo, sistematizou esse cenário através do conceito de "indústria da seca". Refletindo sobre a possibilidade de desenvolvimento econômico da região Nordeste como forma de neutralizar ou aniquilar o poder das oligarquias rurais nordestinas, Celso Furtado (1964) e



Francisco de Oliveira (1977) alimentaram essa interpretação sobre o caráter antidemocrático dessa elite.

A caracterização da elite política cearense como elite oligárquica encontra-se presente, por exemplo, na obra de Raymundo Faoro (2000), quando aborda, em 1958, o predomínio da liderança de Nogueira Acioli durante a República Velha. Como vemos abaixo:

Dominava o Ceará, desde 1896, Nogueira Acioli, com raízes na política imperial, genro que era do senador Pompeu. Governador por três vezes, a última para o período 1908-1912, organizou, no curso de quinze anos, uma oligarquia familiar, chegando a ter, no Senado Federal, um genro e um filho. Os cargos públicos estaduais estavam entregues a parentes, fechado o poder aos estranhos. A Assembléia Estadual, além de seus filhos, genros, primos e cunhados dos filhos, estava ocupada pelos coronéis, na mais bem estruturada de todas as máquinas políticas do norte. A oposição, embora virulenta, limitava-se às camadas urbanas, com o fomento dos comerciantes de Fortaleza, tal como se passava em Pernambuco (FAORO, 2000, p. 264).

Esta concepção de padrão oligárquico e tradicional das elites políticas cearense foi reforçada nas eleições de 1982. Ao indicar o candidato ao governo, os três chefes políticos à época no Ceará (os coronéis do Exército Adauto Bezerra, César Cals e Virgílio Távora) fizeram o acordo, formalmente registrado, de dividir os quadros da administração pública em três partes iguais. Esse pacto reforçou a imagem do Ceará como um estado sob a égide de coronéis maquiavélicos, contrastada com o contexto nacional de redemocratização e de luta por maior participação política. Dessa forma, predominou a ideia de que o Ceará seria, entre todos os estados do Nordeste, o mais "encarniçadamente oligárquico", como comentou Francisco de Oliveira (1977).

No Sertão dos Inhamuns, a política local também foi controlada por uma elite de caráter oligárquico. Essa região localiza-se no polígono das secas e forma uma comunidade caracterizada geograficamente por abranger o Alto Jaguaribe e, historicamente, por representar o predomínio político da família Feitosa, que liderou durante dois séculos e meio a política local. Atualmente o Sertão dos Inhamuns é composto por seis municípios: Aiuaba, Arneiroz, Catarina, Parambu, Saboeiro e Tauá. Segue o mapa.

Figura 1 - Mapa do Sertão dos Inhamuns



**Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses**, Curitiba, v. 5, n. 2, dez. 2019 *Dossiê Oligarquias do Nordeste no Brasil* ISSN: 2447-5548



Fonte: www.citybrazil.com.br/ce/regioes/sertaoinhamuns. Acesso em: 06/09/2008

O domínio dos Feitosa se estendeu desde a colonização do território até o fim da Primeira República, quando entrou em ascensão outra família na região: os Gomes. Chandler (1980) ressalta que o declínio político da família Feitosa nos Inhamuns ocorreu por dois fatores principais: o surgimento de grupos ligados a outras famílias e a crescente participação da autoridade externa. No período da República Velha, os Feitosa, que tiveram seu poder político por cerca de dois séculos baseado na posse de terra e prestígio, passaram a depender da autoridade externa (poder central dos governadores) para a manutenção de sua base política em Tauá.

A história política de Arneiroz, com suas sucessivas emancipações e declínios do *status* de município, é um exemplo do poder das lideranças estaduais na hegemonia e declínio dos Feitosa na região. Arneiroz foi emancipado em 1864 através de mobilizações lideradas por Leandro Castro, primeiro deputado provincial da família Feitosa. Em 1912, após o declínio do governador Nogueira Acioli, a família Feitosa foi destituída do poder em Tauá e passou a exercer influência apenas em Arneiroz. Esta localidade perdeu então o *status* de município, passando novamente a ser distrito de Tauá. Quando o governo de Franco Rabelo declinou em 1914, os Feitosa restituíram o domínio perdido em Tauá e emanciparam Arneiroz. Porém, novamente em 1920, Arneiroz foi anexado a Tauá após a derrota de Belisário da Silva ao Executivo estadual, candidato apoiado pelos Feitosa. Em 1922, os Feitosa conseguiram a emancipação da localidade após negociações com o poder estadual. Mas com a Revolução de 1930, os Feitosa perderam definitivamente o poder em Tauá e Arneiroz foi rebaixado a categoria de distrito. Somente em 1957, com uma "onda emancipacionista", foi que o território definitivamente conseguiu emancipação política.

Nessa "onda emancipacionista", muitos distritos dos Inhamuns foram emancipados, como: Parambu (1956) e Arneiroz (1957) de Tauá; Aiuaba (1956) e Catarina (1957) de Saboeiro; e Cococy



(1957) de Parambu. Após a emancipação, cada município trilhou sua história política, com a organização de elites oligárquicas que disputavam a hegemonia pelo poder local. É interessante observar a trajetória do município de Cococy. Este território tornou-se o reduto político dos Feitosa, tendo como primeiro prefeito Lourenço Alves Feitosa. No entanto, por uma divergência política com o governo do estado, o município teve seu *status* rebaixado para distrito na terceira gestão municipal. Os Feitosa, revoltados com a decisão, resolveram abandonar a localidade<sup>5</sup>.

Segundo Parente (2000), a base física e econômica do Ceará não criou condições para a fixação de oligarquias. Isso porque a base econômica, sujeita a secas periódicas, impossibilitou a formação de elites políticas estáveis. Contudo, nos municípios que compõem os Inhamuns, as elites políticas estão hegemônicas, ou foram hegemônicas, durante décadas.

Em Arneiroz, predominou a família Petrola por cerca de cinco décadas. Em Catarina, o poder da família Rodrigues foi hegemônico por quase cinco décadas. Em Aiuaba, prevaleceu a liderança da família Arraes Feitosa durante três décadas. Seu domínio só entrou em declínio quando o líder dessa família, Armando Arrais Feitosa, foi morto por um integrante da família Feitosa. Com isso, os Feitosa passaram a exercer o domínio político na cidade há cerca de duas décadas.

As cidades que apresentam maior dinamicidade política são: Saboeiro, Parambu e Tauá. Em Saboeiro, a família Nocrato comandou a política local por três décadas, sendo desbancada por um integrante da família Diógenes, o médico Perboyre Diógenes, nas eleições de 1992. Em Parambu, temos a hegemonia política da família Noronha há cerca de quatro décadas. No entanto, essa família é dividida em duas facções que disputam entre si o poder local da cidade, coligando-se a outras famílias, não conseguindo predominar uma única facção durante muito tempo.

Dentre todos os municípios que compõem os Inhamuns, o que apresenta maior competição política eleitoral é Tauá, não havendo nessa cidade a hegemonia política de uma única família. Nas décadas de 1960 e 1970, a família Gomes, liderada por Domingos Gomes de Aguiar, estava hegemônica, saindo de cena após o declínio dos três coronéis (Adauto Bezerra, César Cals e Virgílio Távora) na década de 1980. A partir das primeiras décadas do século XXI, o poder dessa família se atualiza por meio do Domingos Gomes de Aguiar Filho, conselheiro do extinto Tribunal de Contas dos Municípios do Estado do Ceará, e do seu filho, Domingos Gomes de Aguiar Neto, que é deputado federal.

<sup>5</sup> Em 2006 foi gravado um curta metragem em Cococy intitulado "Dos Restos e das Solidões". O filme, do diretor Petrus Cariry, retrata o aspecto de ruína e solidão da localidade que é conhecida como cidade abandonada.



O Sertão dos Inhamuns é formado por municípios de pequeno porte demográfico e predominantemente rurais. Segundo censo de 2010 do IBGE essa região é composta por 138.013 habitantes, residindo na sede 42,63% da população. O município com maior população rural é Parambu (61,14%). Já o mais urbano é Tauá, com 51,43% da população residindo na cidade. Tauá é a sede regional dos Inhamuns, exercendo sobre as demais cidades da região influência econômica e política. De Tauá advém as lideranças que representam a região no âmbito estadual e federal.

A principal fonte de renda desses municípios não é uma "atividade produtiva", *strito sensu*, e sim os pagamentos feitos pelo governo, aposentadorias rurais, salários dos funcionários públicos e bolsas de programas de distribuição de renda, como o Bolsa Família. Trata-se de uma situação que Lima (2006) caracteriza de "economia sem produção", onde a população sobrevive de transferência de renda que passa a constituir um dos mais importantes setores econômicos, ultrapassando inclusive a agricultura e a pecuária.

Na maioria dos municípios dos Inhamuns a quantidade de repasses que as prefeituras recebem do Fundo de Participação Municipal (FPM) é superior a renda gerada pelas próprias atividades econômicas que são desenvolvidas nos municípios. Percebe-se assim a importância do controle da prefeitura por parte das elites locais, tornando-se uma necessidade de sobrevivência. Expostos esses dados mais gerais sobre a região dos Inhamuns, passaremos para o estudo de caso. Abordaremos a ascensão e o declínio do chefe político local, Frutuoso Rodrigues Neto.

#### O domínio dos Rodrigues

Nessa seção será abordado o período em que o chefe político local, Frutuoso Rodrigues Neto, conseguiu exercer sua hegemonia na política municipal. Este líder exercia forte influência no comando da máquina pública local, seja diretamente ocupando o cargo de prefeito, seja indiretamente indicando pessoas de "confiança" para assumir o Executivo.

Segue abaixo uma tabela com o nome dos prefeitos e vice-prefeitos municipais para facilitar a leitura do texto.

Tabela 1 - Lista dos ocupantes do Executivo municipal de Catarina-Ce (1958-2016)

Eleição	Prefeito	Partido	Vice-Prefeito	Partido
1958	João Vieira Cavalcante	PSP	José Ribeiro Filho	PSP
1962	Lourival Paes de Andrade	PSD	José Pedrosa de Mirada	PTB
1966	José Ferreira Lima	ARENA	Frutuoso Rodrigues Neto	ARENA
1970	Frutuoso Rodrigues Neto	ARENA	Antônio Gomes Sobrinho	ARENA
1972	José Neuzo de Araújo	ARENA	Elízio Gomes da Silva	ARENA
1976	Celina Araújo Rodrigues	ARENA	Odolino Pedrosa de Mendonça	ARENA
1982	Odolino Pedrosa de Mendonça	PDS	José Gomes Carvalho	PDS



**Revista NEP - Núcleo de Estudos Paranaenses**, Curitiba, v. 5, n. 2, dez. 2019 *Dossiê Oligarquias do Nordeste no Brasil* ISSN: 2447-5548

Eleição	Prefeito	Partido	Vice-Prefeito	Partido
1988	Frutuoso Rodrigues Neto	PFL	Iranleyde Paes de Andrade	PFL
1992	Adalto Rodrigues de Olinda	PFL	Francisco Dermeval Pedrosa Martins	PSDB
1996	Lamartine Araújo Rodrigues	PSDB	José Deir Mota	PSDB
2000	Lamartine Araújo Rodrigues	PSDB	Noberto Braz de Abreu	PSDB
2004	Jefferson Paes de Andrede Rodrigues	PSDB	Paulo Derval Gomes Carvalho	PSDB
2008	Jefferson Paes de Andrede Rodrigues	PMDB	Frutuoso Rodrigues Neto	PSDB
2012	Rafael Rufino Melo Paes de Andrade	PMDB	Francisco José Vieira Gomes (Nenem do Boza)	PT
2016	Thiago Paes de Andrade Rodrigues	PMDB	Francisco José Vieira Gomes (Nenem do Boza)	PT

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Ceará (TRE-CE)

Catarina foi emancipada em 1957 através de uma manifestação envolvendo as principais famílias políticas locais. Na sua primeira eleição, em 1958, três famílias estruturam a disputa local: Cavalcante, Paes de Andrade e Rodrigues. Os Rodrigues estavam divididos em dois grupos: Rodrigues Pereira e Rodrigues Martins. A formação dessas lideranças ocorria em virtude da posição estrutural que os elementos dessas famílias possuíam na hierarquia social local. Assim, tínhamos categorias como: comerciantes (Cavalcante), proprietários rurais (Rodrigues Martins e Paes de Andrade) e funcionários do Estado (Rodrigues Pereira).

No primeiro pleito eleitoral, ocorreu a formação de duas chapas. A primeira, tinha como candidato a prefeito o então vereador João Rodrigues Martins, da União Democrática Nacional (UDN). Este contava com o apoio do seu primo, Francisco Rodrigues Pereira, que era fiscal da fazenda e tinha sido subprefeito no período em que Catarina era distrito, sendo aliado do chefe político de Saboeiro, Armando Feitosa. O candidato a vice-prefeito era José Augusto Paes de Andrade, irmão do então deputado estadual Antônio Paes de Andrade, do Partido Social Democrático (PSD). A segunda chapa tinha como candidato a prefeito João Vieira Cavalcante, do Partido Social Progressista (PSP). Este era apoiado por seu primo, o deputado estadual Álvaro Lins Cavalcante (PSP)

Nessa disputa, o resultado foi favorável a João Vieira Cavalcante. Porém, o prefeito eleito não conseguiu o apoio do governo estadual, visto que o governador eleito, Parsifal Barroso (PSD), era do partido opositor. Com isso, o prefeito João Vieira Cavalcante ficou em desvantagem em relação a seu adversário político, Francisco Rodrigues Pereira. Este, por possuir trânsito no governo estadual, comandava o policiamento no município e constantemente denunciava os atos administrativos do prefeito junto ao governador.

Ser da oposição no âmbito municipal significava perder todos os direitos e benesses do poder público. Essa situação era similar ao que Maria Isaura Pereira de Queiroz (1976, p. 178) comenta sobre os coronéis na República Velha: "quando o coronel se encontrava na "oposição" [...] era como



se a maldição tivesse se abatido sobre ele e a sua gente: eram perseguidos, maltratados, aprisionados, e revidavam pagando violência, muito embora sabendo o quanto se arriscavam".

Segundo depoimentos coletados, a gota d'água do conflito político entre situação e oposição local ocorreu em 1960, quando o destacamento policial do município, na época obedecendo às ordens de Francisco Rodrigues Pereira, matou um "capanga" do prefeito. Dias depois, o prefeito João Vieira Cavalcante marcou um encontro em Fortaleza com Francisco Rodrigues Pereira para selar as pazes, mas este depois foi encontrado morto e o então prefeito foi culpado pela morte. O prefeito foi preso e seu vice, José Ribeiro (PSP), assumiu o cargo.

Na eleição seguinte, em 1962, os Paes de Andrade assumiram a oposição aos Rodrigues. Foram montados dois grupos para a disputa do Executivo local. O primeiro era representado por Lourival Paes de Andrade (PSD), funcionário público e irmão do então deputado estadual Antônio Paes de Andrade. O segundo tinha como candidato a prefeito pela UDN Antônio Rodrigues (Mita), estudante de medicina em Fortaleza e filho do falecido coletor fiscal Francisco Rodrigues Pereira. Esse pleito foi competitivo e por uma diferença de seis votos a chapa liderada por Paes de Andrade ganhou a disputa. Durante o mandato, o grupo do Paes de Andrade assumiu uma posição menos agressiva de dominância ambiental na disputa local e ao final se distanciaram da política de Catarina. Passaram a concentrar esforços para que Antônio Paes de Andrade fosse eleito deputado federal. Esse grupo só retornaria à disputa local nas eleições de 1988, como veremos adiante.

Depois de perder as eleições, os filhos do coletor assassinado, Francisco Rodrigues Pereira, migraram para Fortaleza. Apenas um filho permaneceu na cidade, Frutuoso Rodrigues Neto, que aos 20 anos assumiu o posto de coletor fiscal no município. Este buscou restaurar o prestígio de sua família na disputa local. Percebemos a gestação de um articulador político, pois Frutuoso Rodrigues Neto resolveu disputar as eleições. Para isso, fez um acordo com o candidato cotado a vice do grupo opositor, um proprietário rural que não lidava com as táticas da *realpolitik*. Ofereceu a esta liderança tradicional o posto de prefeito e se candidatou a vice. Já seus opositores apostaram em uma coligação com uma liderança política emergente, um comerciante e então presidente da Câmara dos Vereadores, Odolino de Mendonça.

Nessa eleição de 1966, os dois grupos eram da filiados ao mesmo partido, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). O resultado foi favorável à chapa coordenada por Frutuoso Rodrigues Neto. Nesse mandato, o prefeito passou por dificuldades na aprovação de seus projetos e o vice assumiu forte protagonismo na articulação com a Câmara dos Vereadores. Ao final, ocorreu o



rompimento entre os dois e o vice Frutuoso Rodrigues Neto conseguiu eclipsar o capital político do prefeito e ser o candidato a sucessão.

A ditadura militar instalou uma situação de certa forma contraditória, pois embora o governo fosse um regime autoritário, ainda conservava as instituições democráticas, como as eleições para o Parlamento e para as prefeituras das cidades interioranas. O regime, então, carecia de votos como mecanismo de legitimação do poder, sobretudo após a crise econômica de 1973, que pôs fim ao "milagre econômico" que até então legitimava a ditadura. Com isso, os donos de "currais eleitorais" viram seu prestígio novamente reforçado — como estratégia de contrabalançar a tendência ao voto oposicionista dos centros urbanos. O governo federal passou a encorajar as oligarquias nos estados e estas fortaleceram as oligarquias nos municípios.

A eleição de 1970 era então estrategicamente importante para a consolidação do grupo político que comandaria a administração da cidade, já que esse era o período da "política dos coronéis" no âmbito estadual. Segundo Mota (1985, p. 178), a política dos coronéis tinha dois preceitos: "união na cúpula e divisão na base". O objetivo era concentrar o poder nas mãos da ARENA, não deixando espaço para o surgimento de novas lideranças. Assim, o grupo que vencesse essas eleições conseguiria o aval dos coronéis para controlar o "curral eleitoral".

Esses grupos, alguns dos quais surgiram ou se fortaleceram no período da ditadura militar no Ceará, apesar de comporem sublegendas da ARENA funcionavam, na prática, como partidos políticos independentes e disputavam mais a hegemonia política entre si do que mesmo com o partido adversário, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Dessa forma, os três chefes políticos que governaram o Ceará no período militar procuraram construir e consolidar suas bases políticas nos municípios, formando grupos como "cesistas" (César Cals), "virgilistas" (Virgílio Távora) e "adautistas" (Adauto Bezerra). Cabe ressaltar que, quando algum dos chefes políticos era indicado ao Executivo estadual, conseguia fortalecer e ampliar sua rede social no interior do estado, alimentando com verbas e empregos toda a sua clientela política.

Nessa eleição de 1970, Frutuoso Rodrigues Neto (ARENA) se candidatou a prefeito em aliança com a maior família do município, os Gomes. Este conseguiu ser eleito e assim pode desfrutar as benesses de contar com o apoio irrestrito dos chefes estaduais, podendo consolidar seu poder. Nesse período, conseguiu para o município vários empregos do estado e os distribuiu como dádivas.

É importante ressaltar que Frutuoso Rodrigues Neto conquistou ampla fidelidade mediante concessão desses empregos. Afinal, em um município de restrita atividade econômica; baseada no modelo de agricultura tradicional, dependente de chuvas regulares; a possibilidade de obtenção de



trabalho é restrita. A ocupação de um posto na máquina pública encontra campo fértil para ser concebida como dádiva, tanto para aquele que é empregado como para quem emprega, garantindo assim a fidelidade e gratidão de várias famílias. Com isso, pode governar com tranquilidade dezoito anos (1970-1988), sem sofrer nenhum abalo no seu domínio. Cabe destacar que Frutuoso Rodrigues Neto elegeu seus sucessores: nas eleições de 1972, foi o comerciante José Neuzo de Araújo (ARENA); em 1976, a sua esposa, Celina Araújo Rodrigues (ARENA); e em 1982, indicou o comerciante Odolino Pedrosa (ARENA).

Frutuoso Rodrigues Neto era então a principal liderança política no município. Sua posição de poder se dava não por sua riqueza, embora este fosse dono de terras; gados e plantação de algodão, mas por assumir uma posição de chefe político, concedendo emprego e sustento a grande parte da população, garantindo para si uma posição de homem de "valor".

Através da relação estabelecida com o governo estadual e com os deputados estaduais, o chefe local conseguia a nomeação para cargos públicos no município. Porém, na década de 1980 seu domínio político começou a ser questionado. Sua liderança foi apenas abalada com a derrocada da aliança dos três coronéis no âmbito estadual em 1986. Percebemos assim a fragilidade da elite local que depende do apoio do governo estadual para manter seu domínio. Além disso, ocorreu a crise da agricultura tradicional com a praga do bicudo que devastou a cotonicultura, destruindo assim a base de sustentação econômica da elite política de Catarina. Essa crise afetou tanto os vereadores, já que cerca de 70% destes eram recrutados em famílias que se dedicavam a cotonicultura, quanto o chefe local.

No entanto, o fator que mais abalou o poderio desse chefe político foi a ascensão de uma nova elite política no âmbito estadual. Essa elite, centrada na figura do empresário Tasso Jereissati, ao ganhar as eleições de 1986 procurou implantar uma nova ordem política no Estado. Assim, ao buscar implantar uma ordem burguesa e industrial, promoveu "caça às bruxas" aos políticos tradicionais, procurando liquidar com o clientelismo e a corrupção.

Essa onda do "movimento pró-mudanças" reverberou nas eleições municipais de 1988 onde tivemos a disputa política centrada entre duas lideranças. A primeira era Frutuoso Rodrigues Neto, filiado ao Partido da Frente Liberal (PFL), do grupo "bezerrista", e tributário de um poder com feições tradicionais e clientelistas. A outra era Dermeval Pedrosa, filiado ao Partido Municipalista Brasileiro (PMB), funcionário do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), que defendia uma administração pública racional moldada na competência técnica.



O chefe local, percebendo a importância do apoio do governo estadual na vitória ou derrota de uma eleição municipal, estabeleceu um acordo com Iran Paes de Andrade, sobrinho de Antônio Paes de Andrade. Essa aliança era estratégica para neutralizar o apoio de grupos estaduais à Dermeval Pedrosa, pois Antônio Paes de Andrade era então presidente da Câmara Federal e aliado de Tasso Jereissati. Com essa coligação, Frutuoso Rodrigues Neto conseguiu ganhar as eleições. Assim, pode estender seu domínio político e atualizar o mito de sua "indestrutibilidade política".

Para o pleito de 1992, o chefe local costurou um acordo para apresentar apenas uma chapa nas eleições, com a indicação do prefeito, vice-prefeito e os nove vereadores. O vice-prefeito seria Dermeval Pedrosa, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que tinha concorrido pela oposição na eleição anterior, e o prefeito seria escolhido pelo chefe local. Este indicou seu primo, Adalto Rodrigues, um vaqueiro que morava na zona rural e que nunca tinha ocupado um cargo político. Esta escolha engendrou uma onda de conflitos. Com a decisão irrevogável do chefe de eleger "seu vaqueiro" como prefeito, o então vice-prefeito Iran Paes de Andrade, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), rompeu a aliança.

Segundo consta no imaginário político da cidade, na reunião sobre a indicação de Adalto Rodrigues como candidato a prefeito, os aliados da coligação teriam contestado de maneira enérgica essa escolha, ao que o chefe local teria se exaltado e retrucado. Este, batendo a mesa com mão e erguendo uma caneta com a outra, teria alardeado: "se eu colocar essa caneta para ser prefeito nessa cidade eu consigo eleger". Pouco importa se de fato essa narrativa é verdadeira, o mais importante é que ela retrata o perfil de liderança exercido pelo chefe local.

Essa eleição foi disputada, tanto pela rejeição ao nome de Adalto Rodrigues quanto pela intitulada "traição dos eleitores que assumem compromissos e não votam nos candidatos". Nesse pleito, percebemos de forma mais clara a decadência de valores tradicionais de lealdade e gratidão.

A adesão de apoio aos candidatos passou a acontecer de forma mais atomizada, o que antes ocorria através da solidariedade familiar e de valores como o da lealdade ao patrão. Como percebemos nos dois depoimentos abaixo.

Antes era fácil, porque você chegava na família e ela assumia o compromisso de votar em prefeito tal e em vereador tal e lhe dizia qual era a urna e naquela época não tinha o voto por "debaixo do pano", não tinha traição, porque quem dominava aquele voto era o pai, era o proprietário, era o avô, era o sogro. Quer dizer, o morador, o filho, o neto, o genro, a nora, o sobrinho que morasse ali obedecia a uma única pessoa. Hoje até com uma lista está ruim de saber (ADAUTO RODRIGUES, ex-prefeito municipal. Entrevista realizada em 23 de maio de 2008).

Naquele tempo tinha os cabeças, não tinha esse negócio de você (...) Eu chegava lá ia primeiro para sua casa, aí eu não falava com você, nem com seus irmãos, eu falava com o seu pai ou com a sua mãe. Seu pai, portanto. Naquele tempo, o pessoal não pedia nem voto



(...) Seu pai morava de favor, aí o amigão político mandava um bocado de retrato e dizia quem era o candidato, ali botava na parede. Não tinha esse negócio de ficar pedindo a um, a outro. O político chegava e pedia o voto da família. Hoje, perdeu-se o comando. Naquela época, o patrão comandava. Ele comandava os moradores e a família. Se precisasse de alguma coisa, pedia ao patrão. As coisas vinham por intermédio dele. Ele mandava praticamente em tudo. Não tinha essa frescura de você tá falando com o filho, a filha, o genro, a nora. Não tinha isso não (ALDROALDO RODRIGUES, primo e aliado do chefe local. Entrevista concedida em 20 de maio de 2008).

Nesses dois depoimentos percebemos de forma clara o rompimento da ordem tradicional. Essa ordem que se expressava na obediência ao patrão e ao pai começa a dar sinais de fratura. Podemos elencar fatores como: crise da agricultura tradicional, desenvolvimento das comunicações, urbanização, maior acesso à educação e surgimento de uma classe média, que concorreram para o rompimento da política tradicional.

Apesar desses obstáculos, o candidato do chefe local, o vaqueiro Adauto Rodrigues, ganhou a disputa eleitoral. Posteriormente, como a sonhada participação na gestão municipal não ocorreu, o vice-prefeito, Dermeval Pedrosa, rompeu com Frutuoso Rodrigues Neto e retornou suas atividades profissionais em Fortaleza.

O chefe local articulou o comando do diretório do PSDB de Catarina, que antes estava sob liderança de Dermeval Pedrosa. O governo estadual estava numa nova fase de reorientação de suas ações para consolidar o seu poder na política municipal do interior do estado. Assim, a liderança política do chefe local, que se mostrava fragilizada anteriormente em virtude do declínio da política tradicional e da nova ordem política desencadeada pelo "governo das mudanças", tomou fôlego com essa nova agenda do governo estadual. Voltou-se assim ao tempo das "vacas gordas", onde se pode contar com o apoio irrevogável do governador.

Na eleição seguinte, o filho de Frutuoso Rodrigues Neto, Lamartine Araújo Rodrigues (PSDB), candidatou-se a prefeito e ganhou a disputa. A oposição novamente centrou-se na liderança dos Paes de Andrade (PMDB), mas com a derrota na eleição estes retiraram-se da política local deixando um vácuo político na oposição. Lamartine Araújo Rodrigues governou a cidade durante oito anos (1997-2004).

É importante ressaltar que a emergência de novos atores da classe média urbana interiorana na cena política em Catarina, no final da década de 1980, foi fruto de transformações estruturais, como as mudanças nas relações de trabalho no campo, urbanização e maior acesso a escolaridade. Assim, profissionais liberais e comerciantes passaram a se sobrepor aos agropecuaristas na formação das elites políticas locais. Nesse contexto, estreia como evidência política um médico, Jefferson Paes de Andrade, que começou a construir seu capital político no exercício de sua profissão, sendo cogitado como provável opositor ao chefe local.



No entanto, Jefferson Paes de Andrade foi cooptado e posteriormente casou-se com uma sobrinha de Celina Araújo Rodrigues, à época esposa de Frutuoso Rodrigues Neto. Assim, passou a carregar o sobrenome de Rodrigues. Foi eleito prefeito em 2004 pelo PSDB, liderado pelo chefe local.

Nas eleições de 2008 ocorreu um cenário de maior disputa política. Houve a formação de dois grupos: o da situação integrado por Jefferson Paes de Andrade Rodrigues (PMDB) que concorria à reeleição e tinha como vice Frutuoso Rodrigues Neto (PSDB); e o da oposição, liderado pelo exdeputado estadual, Ricardo Almeida que concorria pelo PT. Ricardo Almeida é natural de Acopiara, cidade vizinha a Catarina, e pertence a uma tradicional família política. Sua candidatura tinha como objetivo a conquista dos votos da "oposição" de Catarina e aniquilação da liderança do chefe local.

Na política local, estabeleceu-se uma polarização quanto à liderança política de Frutuoso Rodrigues Neto. Assim, encontrava-se o grupo da "situação" que o apoiava, seja em virtude de emprego na máquina administrativa ou devido à dívida de favores prestados; e o grupo da "oposição" que era crítico a essa liderança, seja por questões ideológicas, perseguições políticas ou por descumprimento de algum trato selado anteriormente.

No léxico político local existiam categorias nativas que buscam explicar essa polaridade: "bicudos" e "xelengas". O vocábulo "bicudo" fazia alusão ao grupo da situação e possuía esse nome por dois motivos. O primeiro, que carregava um sentido pejorativo, fazia referência a uma praga do mesmo nome que destruiu as plantações de algodão na cidade, comparando assim esse grupo a uma calamidade que estava destruindo o desenvolvimento do município. O segundo motivo ocorreu pelo fato da situação ser filiada ao PSDB e como o símbolo desse partido era um tucano (este tendo o bico grande), então os filiados a esse partido seriam bicudos. Já "xelenga" representava as pessoas que eram da oposição. Esse nome é originário da palavra xeleléu, que significa bajulador, adulador.

Esses dois grupos sociais eram coesos e compunham uma identidade, embora em cada eleição alguns indivíduos flutuassem nessa polaridade. Existia nos grupos um núcleo duro (lideranças política, indivíduos) que sustentava e estruturava essa dicotomia. Assim, em período eleitoral, grande parte das relações sociais era permeada e ditada pela política local: com quem você deve ou não ser visto, com quem você deve ou não falar, onde você deve ou não ir. Nessa disputa, se uma pessoa tomasse partido por um ou outro grupo, quase todas as suas relações e atividades iriam ocorrer em torno dessa escolha: o comércio onde ela iria fazer compras, o bar que ela frequentava, as pessoas com quem conversava etc. Isso era mais evidente em épocas de campanhas eleitorais, representando assim as típicas práticas da "política de comunidade".



A eleição de 2008, seguindo a dicotomia na cidade, foi marcada pela disputa entre os dois grupos. A novidade dessa disputa foi que, em vez da antiga polaridade entre "bicudo" e "xelenga", ocorreu a produção de novas categorias sociais de ordenamento político. Foram os números dos partidos, representados pelos seus respectivos animais no jogo dos bichos, que forneceram elementos de identificação. Assim, a disputa que era entre PMDB e PT ficou entre jacaré (15) e o galo (13). Embora a campanha tenha sido competitiva, a situação continuou no poder e Jefferson Paes de Andrade Rodrigues foi reeleito.

Essa vitória de Frutuoso Rodrigues Neto em 2008 mascarava o cenário de corrosão de seu poder político, como veremos no próximo tópico.

#### A (re)configuração da política local nas eleições de 2012

Na semana da festa de emancipação do município, ocorrida entre 22 e 24 de maio de 2012, o então prefeito, Jefferson Paes de Andrade Rodrigues, organizou um evento para comemorar essa data. Na ocasião, contratou três bandas de forró muito conhecidas, entre elas, Aviões do Forró. Essa estratégia foi para que o prefeito tivesse palanque para divulgar seus candidatos. Na ocasião, o prefeito estava acompanhado de um deputado estadual que anunciava a todo instante as atrações da festa e cantava um trecho da música de um cantor que iria se apresentar: "caranguejo é quem anda pra trás, quem vive de passado é museu".

Posteriormente, começou a circular no *facebook*, no grupo "Eleições 2012", o seguinte comentário: "Prefeito Jeferson Paes de Andrade pode estar rompendo mesmo com o grupo de Frutuoso Rodrigues? Fiquei sabendo através de notícia em rádio local de Tauá" (WESLEY RICARTE em 23 de maio de 2012). Essa postagem gerou comentários no grupo, alguns duvidando do rompimento e outros comemorando tal notícia.

Nesse mesmo dia, um deputado estadual aliado ao prefeito, Perboyre Diógenes (PMDB), fez uso da tribuna da Assembleia Legislativa para denunciar o fato do prefeito estar sendo ameaçado de morte por Frutuoso Rodrigues Neto após o rompimento político com Lamartine Rodrigues. Como percebemos abaixo:

Eu quero aqui mostrar que a família do Frutuoso está inconformada. É uma família que nunca produziu nada, o velho que nunca trabalhou e tá no desespero político porque não pode viver sem o FPM [Fundo de Participação dos Municípios] de Catarina. É um desespero monstro e ontem o prefeito de Catarina, o Doutor Jefferson Paes de Andrade. Prefeito para vocês terem uma ideia é primo da Doutora Mônica, esposa do nosso querido senador Eunício Oliveira, sobrinho de Paes de Andrade [...] Peço aqui que façam uma comissão e não vá amanhã não, vá hoje, fazer um pacto, não uma união. É fazer um pacto para que esse crime seja evitado. Eu não tenho nenhuma duvida, porque eu conheço a genética, eu conheço a origem desses coronéis da região. E eu não tenho nenhuma dúvida que se não fizermos alguma coisa esse



crime vai acontecer (PERBOYRE DIÓGENES, pronunciamento do deputado na Assembleia Legislativa em 23 de maio de 2012).

Nesse depoimento, podemos perceber que o conflito entre as duas lideranças é pelo FPM da prefeitura do município, já que, segundo o deputado, Frutuoso Rodrigues Neto depende desse instrumento de poder para se manter. Observamos também as relações de parentesco do prefeito, pois o deputado revela que este é primo da esposa do senador Eunício Oliveira (PMDB), ou seja, não seria "qualquer prefetinho" do interior e sim uma pessoa que tem trânsito com outros poderes. Por fim, o deputado convoca o poder do estado para interferir na política local, caso contrário acontecerá uma tragédia na cidade.

O objetivo de Perboyare Diógenes foi promover um clima de tensão na cidade e chamar atenção para a especificidade política de Catarina. Além disso, buscava construir uma imagem de vítima para o prefeito Jefferson Paes de Andrade Rodrigues, que estaria sendo ameaçado por "coronéis maquiavélicos". Essa estratégia repercutiu na imprensa estadual, sendo pauta do jornal O Povo. Cabe ressaltar que o clima de tensão após o rompimento se deu porque em outubro de 2011 Lamartine Rodrigues filiou-se ao PMDB, partido do então prefeito Jefferson Paes de Andrade Rodrigues, no acordo de ser o candidato à sucessão. Assim, após o rompimento, Lamartine Rodrigues não podia mais se candidatar, pois já tinha vencido o período para mudança de sigla ou filiação partidária. O candidato a prefeito pelo PMDB seria Rafael Paes de Andrade, primo do prefeito.

O grupo da oposição estava buscando emplacar a candidatura do Coronel Gomes Filho. Este foi candidato a vice-prefeito em Catarina nas eleições de 2008, é coronel da Polícia Militar e ocupou postos de confiança no governo do estado na gestão Cid Gomes, do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Gomes Filho se destacou na política local após sua elogiada atuação na prisão de bandidos que assaltaram o Banco do Brasil no município. Na época, este era Comandante do Policiamento do Interior do Estado e através da sua influência comandou perseguições aos ladrões. Esse acontecimento foi acompanhado pela população que divulgava fotos dos assaltantes mortos pela polícia e constantemente elogiavam essa atuação, embora alguns, antevendo a disputa política que se anunciava, criticavam essa ação para assim desconstruir a imagem do futuro candidato.

Após a oficialização do rompimento, os grupos políticos passaram por uma (re)organização. Jefferson Paes de Andrade Rodrigues se aliou com um empresário de Catarina que morava em São Paulo, Neném do Boza (PT). Já Lamartine Rodrigues, juntamente com seu pai Frutuoso Rodrigues Neto, apoiou a candidatura do Coronel Gomes Filho (PSB). A estratégia desse apoio era a desarticulação da força política dos Paes de Andrade que cresceu ao ponto de não ser mais controlada.



Jefferson Paes de Andrade Rodrigues concedeu entrevista a rádio do seu grupo político para explicar os "reais motivos" que o levaram ao rompimento. Como este comentou:

Eu estava no meu apartamento em Fortaleza com minha esposa [...] quando o Lamartine chegou com um rapaz. Até então, todos sabem que eu ia apoiar o Lamartine para ser o candidato e o Lamartine chegou com esse rapaz. Ele [Lamartine] me pediu um particular e eu fui pra área, sentei com ele, nós ficamos tomando um café e de repente ele me apresentou esse rapaz como um suposto policial federal [...] E eu perguntei porque ele tinha trazido um policial federal para minha casa e então foi quando ele, eu até me assustei com que ele me pediu juntamente com esse rapaz, e disse que eu deveria dar a eles 300 mil reais [...] A partir de então a minha vida e a da Fernanda [sua esposa] virou um verdadeiro inferno, o Lamartine exigindo essa quantidade absurda e eu logo aleguei que jamais daria aquele dinheiro porque eu não tinha nada a dever [...] Mas eu lhe digo, com sinceridade, eu nunca tomei uma decisão tão acertada em toda minha vida. Foi dura, mas eu fiz muito mais pelo povo da Catarina. Porque eu me sinto hoje livre. Eu me sinto em paz comigo mesmo e as pessoas vão entender, tenho certeza, que a gente fez isso porque jamais eu acho que a nossa cidade não merecia, de forma alguma, entregar a administração da cidade a uma pessoa que tem coragem de fazer uma coisa dessas (JEFFERSON PAES DE ANDRADE RODRIGUES, entrevista na rádio Portal dos Inhamuns FM em 31de maio de 2012).

Esse depoimento do prefeito funcionou como mito de origem do rompimento político, pois explicaria as razões desse ato. É interessante observar a constante referência ao dinheiro e a extorsão, pois, segundo o prefeito, esse seria a razão do desafeto entre os dois, já que este não iria dar essa quantidade a Lamartine Rodrigues. Na fala, percebemos o emprego da expressão "fiz muito mais pelo povo de Catarina", pois busca construir a imagem que o prefeito rompeu não por conta de questões pessoais entre os dois, mas para o bem comum da comunidade. No mesmo dia, a primeira dama, Fernanda Ribaisa Custódio, prima de Lamartine Rodrigues, concedeu uma entrevista e alegou que, embora esse rompimento tenha afetado a relação familiar, ela estaria segura da decisão tomada.

Após esse pronunciamento, Lamartine Rodrigues contou sua versão na rádio coligada ao Coronel Gomes Filho:

Esse prefeito de forma covarde, traidor, vem inventando uma história dessas de extorsão. Extorsão se dá meus amigos quando você faz um boletim de ocorrência, quando você faz um flagrante, aí é uma extorsão. Agora, esse prefeito para romper um compromisso político que ele tinha comigo e com meu pai [Frutuoso Rodrigues Neto] que ao final dos oito anos de mandato ele ia retornar a candidatura a casa do Frutuoso, esse era o compromisso assumido, testemunhado pelas famílias que estavam no acordo (LAMARTINE RODRIGUES, entrevista de na rádio Nossa FM em 31de maio de 2012).

Interessante observa o uso da expressão "retornar a candidatura a casa do Frutuoso", pois ressalta o fato desse candidato acreditar que através do acordo firmado entra as famílias a sua posição de candidato ao Executivo em Catarina estaria assegurada. Percebemos a existência de uma lógica tradicional de campanha em que o chefe político, através de uma rede capilarizada de apoiadores e cabos eleitorais, dava a conhecer a sua vontade aos eleitores, não havendo real competição política.

Após o rompimento, instaurou-se uma nova ordem política no município. Nessa configuração, o grupo composto por Gomes Filho e Frutuoso Rodrigues Neto foi identificado como "caranguejo",



ISSN: 2447-5548

por conta da letra de uma música de forró e pelo fato de caranguejo andar para trás, denunciando que essa aliança não traria o desenvolvimento da cidade, pois estaria voltando no tempo, "no tempo do Frutuoso". O outro grupo, liderado pelo prefeito Jefferson Paes de Andrade Rodrigues, é nomeado como "traíra", pela suposição do prefeito ter traído Lamartine Rodrigues ao romper a aliança e impossibilitar a candidatura deste, agindo assim sorrateiramente, delatando e prejudicando seu colega.

#### Considerações finais

O estudo sobre elites políticas mostra-se profícuo, pois, ao estudarmos esse setor da sociedade, percebemos com clareza a distinção entre diferentes tipos de coletividade e as causas das transformações na estrutura social. Visto que aspectos como o tamanho dessas elites, seu caráter aberto ou fechado e como elas são recrutadas diferenciam sociedades mais democráticas ou menos democráticas; sociedades em que ocorre a substituição de uma elite por outra ou prevalece acomodações de interesses. A escolha de uma cidade de pequeno porte como *lócus* para analisar as elites políticas apresenta-se vantajoso em virtude de propiciar ao pesquisador visualização dos grupos que efetivamente exercem influência no controle do poder local.

Analisando o recrutamento e a trajetória das elites políticas de Catarina, o artigo buscou responder a seguinte questão: em que bases de sustentação foi possível a manutenção do poder político de Frutuoso Rodrigues Neto durante quatro décadas?

Apontamos que apesar das transformações em curso na conjuntura política dessa cidade, desde a década de 1980, o lugar da liderança política de Frutuoso Rodrigues Neto foi ainda conservado durante alguns anos porque este soube estabelecer alianças com atores políticos emergentes, demonstrando capacidade de adaptação a mudanças. Há que destacarmos a habilidade desse político em mudar para conservar, controlando as mudanças e neutralizando o surgimento de uma contra-elite ou movimentos sociais que pusessem em cheque seu domínio.

Na formação de um grupo político, a organização e a homogeneidade são fundamentais para o fortalecimento desse grupo. Essa homogeneidade pode ser adquirida através da existência de categorias sociais em comum no grupo ou através do treinamento e socialização. O importante é criar um grupo que aja em sintonia, que seja guiado pelos mesmos interesses, que possua um ethos em comum. Uma coletividade assim formada possui mais possibilidade de se sobrepor a outros grupos políticos na conquista pelo poder.



Na análise da história política de Catarina, percebemos que não houve a existência de grupos assim formados. O mais próximo ocorreu na década de 1980, especificamente nas eleições de 1988. Ocorreu a presença de instituições, como o Banco do Brasil, o Sindicato dos Trabalhadores e a Empresa de Assistência Técnica Extensão Rural do Ceará (EMATERCE), que formaram a base da oposição. No entanto, após a derrota política sofrida nessa eleição, o grupo foi se esfacelando e na eleição municipal seguinte muitos integrantes desse grupo já apoiavam a situação.

Percebemos a ausência de grupos sociais coesos e organizados, que polarizam por questões ideológicas, e não por critérios informais, como grupos de parentesco e amizade política, que apenas fazem do poder algo personalíssimo. A única instituição que consegue moldar esses grupos é a família. Nela, indivíduos agem em torno de uma "solidariedade familiar" e conseguem construir um grupo coeso que atua em virtude de interesses em comum, conseguindo espaço na arena política. Não é por um acaso a presença da instituição familiar em detrimento de instituições como sindicatos, movimentos sociais e partidos políticos na atuação política local.

Assim, nessa análise, o que percebemos é que o predomínio desse domínio político por quatro décadas ocorreu porque o líder teve sabedoria para tecer acordos, seja no plano local, com famílias e atores políticos em ascensão; seja no plano estadual, com deputados estaduais e governador. O chefe político filiava-se ao partido que pudesse lhe oferecer melhores dividendos políticos, o partido da situação.

No entanto, após a desarticulação dos valores tradicionais, seu poder apresentou-se fragmentado e fragilizado, predominando o clientelismo e o mercantilismo na obtenção de adesões, em detrimento de fidelidade e gratidão anteriormente outorgada aos Rodrigues. Assim, seu domínio ainda consegue perdurar no município, embora em bases mais fluidas. Atualmente, o filho de Frutuoso Rodrigues Neto, Fernando Araújo Rodrigues, representa a linhagem familiar na política local. Este foi eleito vereador nas eleições de 2016 e, em 2019, foi empossado presidente da Câmara de Vereadores.

Com o predomínio de uma economia desarticulada, em que vigoram a transferência de renda como base econômica, o patrimônio público; o controle da máquina administrativa municipal, tornase uma fonte de enriquecimento e uma necessidade de sobrevivência das elites locais. Assim, a gramática política presente nas elites políticas de Catarina, em consonância com a ordem política do país, é a acomodação de interesses, onde as novas forças emergentes compõem-se com os interesses dos velhos grupos, predominando coalizões, acordos e cooptação. Preponderando assim "revoluções



à brasileira", onde ocorre a instalação de uma nova ordem política sem que as elites de vésperas sejam alijadas do poder.

Para Holanda (1995), o que faltaria ao Brasil seria a existência de uma verdadeira revolução que trouxesse à tona novos elementos mais vigorosos, caindo por terra os velhos e incapazes representantes de velhos interesses na sociedade. Uma revolução em que as classes emergentes não se amalgamassem com as classes estabelecidas, mas que as substituíssem, dando início a uma nova ordem política.

#### Referências Bibliográficas

ABU-EL-HAJ, Jawdat. "Os tempos de rebeldia: Icapuí na berlinda do modo petista de governar". In: LEMENHE, Maria Auxiliadora; CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly (Org.). **Política, cultura e processos eleitorais**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2006. p. 79-112.

ABU-EL-HAJ, Jawdat; SOUSA, José Jurandir. "As revoluções silenciosas no Nordeste: eleições e mudança social em Itapiúna". In: CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly (Org.). **A produção da política em campanhas eleitorais**: eleições municipais de 2000. São Paulo: Editora Pontes; Fortaleza: programa de pós-graduação em sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2003. p. 255-290.

BOBBIO, Norberto. Verbete "Oligarquia". In BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11° Edição. Brasília, EdUNB, 1998.

CALLADO, Antônio. **Os industriais da seca e os "galileus" de Pernambuco**: aspectos da luta pela reforma agrária no Brasil. Rio de Janeiro Civilização Brasileira,1960.

CARVALHO, Eveline Barbosa Silva et al. **Índice de vulnerabilidade à desertificação e sua correlação com o desenvolvimento dos municípios cearenses**. Nota técnica nº 41. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), 2009.

CHANDLER, Billy Jay. **Os Feitosa e o sertão dos Inhamuns**. Fortaleza: Edufc; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

FAORO, Raymundo. **Os Donos do Poder**: formação do patronato político brasileiro. Vol. 2. 10<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Globo; Publifolha, 2000.

FURTADO, Celso. Dialética do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA, Cláudio Ferreira. **Cidades do Ceará**: origens, transformações e perspectivas. In: Anuário do Ceará 2006. Fortaleza: O POVO S.A., 2006.

MOTA, Aroldo. **História política do Ceará**: 1945-1985. Fortaleza: Stylus, 1985.



OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia Para uma Re(li)gião**. Sudene, Nordeste. Planejamento e conflitos de classe. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PARENTE, Josênio Camelo. A fé e a razão na política. Fortaleza/Sobral: EdUFC/EdUVA, 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O mandonismo local na vida política brasileira**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

TORRES, Monalisa Lima. A gramática do poder local: ciclos políticos, trajetórias e recursos sociais de lideranças políticas em Acarape-CE. Tese (Doutorado em Sociologia) — Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2018.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In: \_\_\_\_. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 5ª. Edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 121-132.

Recebido em: 31 out. 2019 Aceito em: 26 nov. 2019